

PESQUISAS

História Social da Saúde, da Doença e da Morte e suas Representações na Cidade de São Paulo (1830 - 1940)*

*Coordenadora: Yvone Dias Avelino***

O grupo Cordis se constitui como núcleo de pesquisa e divulgação. Núcleo de História Social da Cidade, tendo como eixos temáticos a História Social da Saúde, da Doença e da Morte (1850 - 1940), privilegiando as diversas formas de representação dos fenômenos constitutivos da área com o intuito de identificar o “ethos” da paulistaneidade e Universidade e Sociedade: Memória e Identidade.

A denominação Cordis surgiu como forma de expressar a vitalidade e a energia com que se enfrenta os problemas da produção do saber, nas suas intersecções com o pulsar da vida.

Neste sentido “Cordis”, nos remete a pulsação e à vitalidade que impregna o processo de gestação do saber e da produção de leituras cujo tom se pretende delencar.

Cordis, se identifica com cordialidade, afetuosidade, sentido que aponta para a emoção que se deve associar à razão. Binômio que retoma a memória, identidade, inventário, distinção, reminescências utopias.

Cordis expressa a confluência de um termo médico que encontra alegorias específicas no discurso literário e poético e que diz respeito a uma tentativa de explicar a brasilidade. Essa associação de usos da palavra com suas conotações diferenciadas dá um tom particular dentro da generalidade que se identifica com os propósitos do grupo, que tem um caráter transdisciplinar e inter-institucional. É formado por historiadores, médicos, economistas, antropólogos, educadores e comunicólogos da PUC-SP, da U.S.P. e da U.N.B. dentro da amplitude da carreira universitária que vai do licenciado ao titular.

Nesta pequena apresentação apenas trataremos da pesquisa História Social da Saúde, da Doença e da Morte (1850 - 1940). Em outras oportunidades apresentare-

* Pesquisa do Grupo CORDIS - Núcleo de História Social da Cidade.
Apresentação do Grupo “CORDIS”.

** Departamento de História, PUC-SP.

mos a pesquisa que tem a preocupação de estudar a Universidade nas suas interações com a sociedade na reconstituição da sua memória. Especificamente trata da História da Universidade Católica de São Paulo e suas relações com a sociedade do bairro de Perdizes com a cidade de São Paulo.

Relevância do Tema

A História da Saúde, da Doença e da Morte, circunscrita à cidade de São Paulo, pretende apresentar uma leitura dos vários aspectos ligados às concepções da saúde, doença e morte.

Não se trata de propor investigações baseadas na exclusividade de um núcleo documental definido. Dada a aspiração pluralista que envolve a temática proposta, visa-se combinar fontes, bibliografia e leituras historiográficas. Tudo, porém, crivado pelo “espírito da cidade”.

Nota-se em São Paulo, a partir do século XIX, uma redefinição no encaminhamento das questões relativas à S.D.M., no sentido da regulamentação da ação pública na área. Configurava-se, então, a associação de práticas médicas com as ações do Estado, como estratégia para a planificação urbana e conseqüente controle social.

Objetivos da Temática

Os objetivos da pesquisa filtrados pela análise sistemática de fontes: imagens, linguagens, mitos, crenças e rituais, idéias e conceitos componentes do sistema de representações relativo à Saúde, Doença e Morte são: 1) (re)interpretar a História e propor encaminhamento evitando a dicotomia entre o discurso e a práxis, trabalhando de forma indissociável os elementos que compõem o tema; 2) contribuir para a reflexão crítica sobre a produção historiográfica contemporânea específica ao assunto, apontando para a crise de identidade a que foi submetido o ser humano em suas relações com a natureza e consigo mesmo; 3) procurar entender os cruzamentos, as relações, da vida paulistana entre 1850 e 1930, expressos na diversidade dos discursos, propondo uma leitura do “ethos” da cidade.

Eixos Temáticos

Diferentes enfoques mostram-se adequados à pesquisa. Elegeram-se alguns, aqueles considerados de grande importância por sua aproximação com o tema, formando um conjunto de eixos temáticos, que dão sustentação e condições a uma ampla análise da História da Saúde, da Doença e da Morte em São Paulo.

Um dos caminhos mais óbvios para tal análise remete-se à percepção dos visitantes. Desde o começo do século, viajantes como Humboldt, Langadorff,

Florence, Saint-Hilaire, Kidder, Bamsley, Zaluar passaram pela capital dos paulistas, anotando características locais, especificando diferenças, apontando tendências.

Ainda que o termo de comparação tenha sido, quase sempre, o mais acentuado, pode-se estabelecer um arco que vai de Saint-Hilaire, registrando a simplicidade do vilarejo, àqueles que identificam São Paulo às metrópoles do mundo, como Richard Morse. O levantamento de todos esses viajantes e a análise desses discursos serão dois dos pontos fundamentais para ambientar introdutoriamente o projeto.

Paulistas e não paulistas cuidaram de deixar um bom número de memórias, crônicas e recordações que envolvem questões urbanas. Estes gêneros impregnados pelos condicionamentos ambientais da época, constituem-se num pólo importante para a reflexão sobre os cosmos urbano paulista. O planejamento urbano da capital, suas plantas, mapas e estudos urbanísticos permitirão dar os traços da “geografia do desenvolvimento urbano” que se constituiu em etapa básica do entendimento da questão da “paulistaneidade”. Aliado às percepções de viajantes, às memórias e às crônicas o estudo da “cartografia urbanística” pretende estabelecer uma leitura que fundamente o espaço ao “ethos” paulistanos.

Nessa fusão, certamente será dada ênfase a aspectos que mesclaram o estabelecimento de uma sociedade de classes, constituindo-se um ordenamento social onde a marginalidade fixou-se. “Cidade composta”, plena de contradições, o banditismo e a prostituição aí se instalaram com força e velocidade compatíveis com o “progresso”. A reputação de São Paulo se fez na medida em que juntamente com seu comércio florescente e com sua indústria despontante surgiram também seus pobres, enjeitados e doentes, todas personagens de uma possível História Social da Saúde, da Doença e da Morte.

Pouco estudados na história urbana brasileira em geral e, particularmente na de São Paulo, são os romances urbanos voltados a uma visão utópica de cidade. Dois casos específicos, “São Paulo no Ano 2000” e “O Reino de Kiato no País da Verdade” são evidenciados como fundamentais para se considerar São Paulo uma cidade letrada como pretendeu Angel Rama.

Estiveram presentes na redefinição do espírito urbano de São Paulo algumas tensões que fizeram desta capital o “lugar” privilegiado para o aprofundamento de soluções locais. Tal é, por exemplo, o caso das múltiplas avaliações feitas pela imprensa paulistana sobre a realidade sócio-cultural brasileira no período e sobre possíveis eixos de tratamento e cura.

Os termos e expressões utilizados pela linguagem científica e, em particular, pela da ciência médica foram sendo incorporados ao vocabulário cotidiano da sociedade em boa parte graças à imprensa periódica paulistana (acadêmica no início

e não acadêmica posteriormente), através dos diversos artigos que analisavam, cheios de otimismo, os avanços de cada área do saber científico. A penetração mais assíduas desse tipo de vocabulário, pelo menos no meio da elite intelectual de São Paulo, iria assumir dentro da imprensa a função de vetores “clínicos” sobre as qualidades consideradas “sadias” ou “doentias” do “ethos” social ou do caráter cultural brasileiro.

Em 1882, o periódico “A Luta” (órgão semanal evolucionista) condenava as falhas existentes na educação brasileira pelo fato da educação física - classificada pelo periódico como uma “ciência” - estar relegada a um plano secundário, com sérios riscos para a saúde individual, familiar e nacional. Alertava-se os leitores de que a educação física não era “uma sonho”, mas realidade e os que “a violaram em si e nos seus filhos são os responsáveis, num futuro próximo ou remoto, por um grande número de defeitos que depreciam a espécie”.

Em 1918, 36 anos depois, em crítica ao artigo de Monteiro Lobato, “Problema Vital”, publicado na “Revista do Brasil”, Alceu Amoroso Lima descreveu os problemas estruturais da realidade brasileira, ressaltando a urgência em se promover, ao mesmo tempo, a “higiene física” e a “higiene moral” do país. Para ele, os males da educação eram letais ao país e sobrepujavam as enfermidades nativas, exatamente por serem a causa destas.

Estes exemplos comprovam a riqueza de material que envolve a pesquisa de jornais e revistas. Por meio dela é possível a coleta de importantes índices informativos e formativos - o emissor, a mensagem e o enunciado - capazes de descrever quais eram os males sócio-culturais do país, como eles eram definidos e conceituados e os possíveis prognósticos e tratamentos terapêuticos apresentados pela imprensa.

Não era apenas a realidade cultural que exigia cuidados médicos, os reclamos da Saúde Pública e da medicina preventiva também exigiram uma atuação mais efetiva do poder público, que se manifestou através da criação de instituições que pudessem controlar de maneira mais eficaz que afligiam a população paulistana.

A situação geográfica da cidade, a precariedade do atendimento e os rudimentares conhecimentos higiênicos e sanitários acentuaram ainda mais a disseminação de sucessivas epidemias - a varíola, tuberculose, febre amarela e cólera - com sérias e assustadoras consequências. O clima (tropical) sempre foi apontado como um dos maiores causadores das epidemias sobretudo no centro urbano, onde as chaminés das indústrias começavam a despontar. Se a industrialização trouxe benefícios, também causou muitos malefícios sobre a saúde da população.

O saber médico em São Paulo trouxe uma marca diferenciada no que diz respeito ao aspecto popular. A vulgarização desse conhecimento para o alcance dos

consumidores fugia, muitas vezes, ao sentido dado pela orientação médico-acadêmica. Por outro lado, São Paulo não enfrentou suas concepções de Saúde elaboradas pela elite e pelos “saberes competentes”.

A cultura popular vivenciada em São Paulo se alimentou de saberes alternativos, refeitos a partir da sabedoria indígena e africana. Todo o conhecimento médico caseiro, cultivado tanto pelas famílias locais quanto pelas imigradas, e que foi noticiado por artigos de jornais, propagandas médicas, almanaques e volantes, constituiu-se em fonte preciosa para o entendimento dos recondicionamentos oferecidos por São Paulo.

O almanaque era um tipo de publicação que, além de trazer um calendário completo, continha matéria recreativa, humorística, “científica”, literária e informativa. Dada sua característica de anuário, carrega em suas páginas uma fonte de pesquisa formativa e informativa destinada à família, normatizando o seu existir ou mesmo transformando os hábitos e revalorizando o sentido da vida.

Considerando literatura menor até pelas expressões: “Saber de almanaque”, “conhecimentos de almanaque” - sinonímia de conhecimentos imperfeitos, precários e superficiais - transporta justamente aí o lido e o consumível pelas camadas sociais que a manipulam durante todo o ano. Sabe-se que esse conceito não é de todo verdadeiro pois a vida acadêmica, os doutores e os bacharéis serviram-se de suas páginas para exercitar as suas lides científico-literárias.

Dos limites do possível as práticas médicas singravam: da credence à ciência, do real ao provável, da mezinha à química. Espaços distantes e próximos na viragem do século.

Por outro lado, surgiram os Guias e Manuais Médicos como veículos de divulgação de um saber que estava se instituindo, veículo de disseminação de leituras gabaritadas sobre o binômio saúde/doença. Emergem esses instrumentos de comunicação como elementos de agregação da norma “cultura” e “civilizada” ou seja, “científica”.

Os produtores desse tipo de publicação foram personalidades destacadas no meio profissional a que pertenciam, como Luís Pereira Barreto e José Barbosa Plácido, entre outros. Tal prática tornou-se usual não só para atender ao público citadino e rural, mas também na própria comunidade médico-acadêmica. O intuito era orientar, normatizar e codificar a leitura do seu objeto de conhecimento e de exercício profissional - o ser humano.

Em contrapartida, as formas tradicionais de diagnose e prognose representadas, principalmente, pelos dogmas, crenças e práticas religiosas, captaram por muito tempo as atenções dos paulistas, constituindo-se em importantes indícios para que

se contemplem as representações da saúde, doença e morte. Tanto as manifestações religiosas sob controle da Igreja hierárquica, quanto as expressões populares autônomas, numa completa imbricação entre sagrado e profano, compuseram, por toda a história de São Paulo, a principal linguagem para a expressão popular.

As representações elaboradas pelos escravos, bem como o espiritismo, a maçonaria, assim como o significado histórico das organizações confessionais como clubes, hospitais, escolas e cemitérios, são um campo ainda pouco explorado pela historiografia.

As fontes são diversas e o levantamento a ser feito deverá ir ao encontro de toda documentação que trata do cotidiano da vida paulistana em seus múltiplos aspectos. Os rituais de nascimento, iniciação e passamento serão revisitados, na tentativa de levantar-se paradigmas que esclareçam as formas de representação religiosa da saúde, da doença e da morte.

O Espaço Urbano

Pretendemos fazer uma análise sistemática dessas fontes documentais apontadas sobre a História da Saúde, da Doença e da Morte (S.D.M.) circunscrita à cidade de São Paulo no período que medeia os anos de 1850 a 1940.

São Paulo desde os meados do século XIX começava a apresentar tenuamente uma redefinição das questões relativas à S.D.M. no sentido de encaminhar e de normalizar a ação pública na área.

Na virada do século a cidade de São Paulo superava o ritmo de crescimento das capitais brasileiras e o aumento da população, principalmente da classe trabalhadora, marcou ainda mais o desequilíbrio social, acentuando os contrastes nos níveis e nos estilos de vida.

Configurava-se, então, a associação de práticas médicas com as ações do Estado, como estratégia para planificação urbana e conseqüente controle social. A capital paulista é cidade muito diferente de suas congêneses na América Latina tais como: México, Havana, Lima, Buenos Aires e outras; porque apesar de ser uma cidade moderna, é também “velha”. O entendimento desses “contrastos” traz questões, ingênuas na aparência mas que permitem indagar se São Paulo apresenta uma especificidade ou se é resultado de um gênero urbano desconhecido.

Desde logo se impuseram os problemas de ordem metodológica, o trato documental, as técnicas de análise. O projeto desde o início centralizou-se no “espírito” urbano, a partir da interpretação do Romantismo acadêmico que caracterizou a especificidade da “urbe” paulistana.

O espírito da cidade teria que ser entendido “*latu sensu*” não como algo estreito, mas como alguma coisa que mesclasse fenômenos universais, como a S.D.M. com o espírito local. Quer se ver em São Paulo uma cidade onde os cidadãos são participantes e não “estrangeiros” e neste sentido, se implicam na trama que percebe os fatos não como algo que vem de fora, mas que tem uma explicação local.

O problema que atravessa todo o projeto é a busca do entendimento da vida paulistana, face às diferentes percepções da S.D.M. pontuadas por suas representações cercadas pelas condições locais que configuram a São Paulo a marca de sua potencialidade como “*ethos*” urbano - (re) interpretar a História e propor visões, evitando a dicotomia entre o discurso e a práxis, trabalhando de forma indissociável os elementos que compõem o tema; contribuir para a reflexão sobre a produção historiográfica contemporânea específica sobre o assunto, apontando para a crise de identidade a que foi submetido o Ser Humano em suas relações com seus semelhantes, com a natureza e consigo mesmo.